

24-03-2021

## A ARTE DE DOCUMENTAR PALAVRAS

### Chiara Lages

[Bibliotecária]

Fui ao Google, a pedido de um ex-aluno, que queria compor uma coletânea de textos simples para conversar com seus alunos da 8ª série sobre direitos humanos, saúde e trabalho. Encontrei textos interessantes, mas muito acadêmicos, que não achei adequados para estudantes adolescentes.

Ao me deparar com o *site* Multiplicadores de Visat encontrei o que me pareceu mais conveniente para meu amigo. O 'encontro' não foi um mero chegar aos resultados de uma busca. Novos e instigantes prismas brotaram dos textos. Quase nem acredito, e me sinto orgulhosa, em estar aqui hoje como uma das colaboradoras da Coluna Opinião. Desculpem, não me apresentei, sou capixaba e bibliotecária. Nas bibliotecas de escolas municipais, e outra particular (para complementar renda), aprendi e pratiquei de um tudo: busca de fontes, personagens e informações, orientação de crianças, jovens, estudantes e professores, fotocópias, digitação e impressão, inserção de bases de dados 'manuscritos', e, entre outras atividades, transposição de acervos bibliográficos. Hoje, aposentada, dedico-me mais intensamente ao meu passatempo predileto: pesquisa. A história nos ensina a preservar a memória. O que seria da história se lhe fosse retirado o atributo de registrar acontecimentos? Os acontecimentos, para serem localizados pelas 'ferramentas' de busca digital ou analógica, precisam estar organizados em acervos indexados. Esta indexação ocorre pelo uso de elementos-chaves, assim designados por abrirem o caminho à localização dos acontecimentos relacionados - ligados, linkados, indexados - a cada chave. Para as crianças dos últimos tempos, isto parece tão óbvio! Escrevem (ou falam ou colocam uma imagem) e o "professor Google" mostra uma infinidade de opções. Mas não foi sempre assim.

Para os 'desejos' de busca serem respondidos, dicionaristas, bibliotecários, arquivistas, entre outros, criaram métodos de catalogação de palavras, que estão na gênese dos aplicativos de busca, e dicionários, que remontam à Mesopotâmia dos 2.600 a.C. Descobri o amor à leitura, pequetita, em historinhas infantis vendidas em fascículos nos jornaleiros. Nessa época, achava que o jornaleiro de perto de casa era mesmo meu "tio Rico" (Enrico, que eu não sabia pronunciar). Meu avô era italiano.

Ensinou-me a ler, a amar palavras e bibliotecas.

Muita gente acredita que deve entrar numa igreja quando chega em lugar desconhecido. Meu avô não gostava de igrejas. Bibliotecas eram seu templo e nelas, Brasil afora, entoamos preces ao saber.

Num tempo em que encontrar obras literárias era uma espécie de garimpo em prateleiras e conversas com bibliotecárias (frequentemente mulheres) e amantes dos livros (homens geralmente), partíamos à busca com listas de autores e títulos (anotados de jornais, revistas, rádio, bate-papos etc). O prazer de encontrar só perdía para o da leitura. A peregrinação construía valores, conferia apreço ao nosso desejo.

Nos shoppings, em profusão, livrinhos atuais de atrair pequenos, dentre outros, são táteis, coloridos, interativos, texturizados, sonoros, aromatizados.

Desafiadores aos métodos de indexação de palavras e catalogação de obras e objetos: a cada novo atributo (aroma, som) de um livro, uma nova categoria precisa ser criada e 'encaixada' a uma chave que abrirá a 'caixinha' (arquivo) onde se encontram obras com as características específicas. Ah, e em duplicata, para suprir a biblioteca física e a virtual. Assim a listinha de meu vô chegará para a 'bibliotecária 4.0' na base bibliográfica da internet, no celular, WhatsApp, estantes físicas etc, no modo presencial ou remoto. Fáceis de encontrar, caros para comprar, atraentes... Mas... ..

..... Cadê os leitores? .....

Mensagens instantâneas, áudios, vídeos, imagens digitais compartilhadas aos milhares ganham a preferência.

Na velocidade das esteiras das fábricas, 'há que aparecer para não perecer'. Aqui e ali, escolas, livrarias e editoras buscam atrair amantes de palavras e de bibliotecas.

Passei horas e dias pesquisando, lendo e me deliciando em bibliotecas. Algumas destas, devoradas por chamas, traças, fungos, foram interditas. Livros são pessoas e pessoas são palavras. "Bens imateriais". Acervos da alma humana.

Suor do trabalho de bibliotecárias, escritores, gráficos, diagramadores, arquivistas, arrumadeiras, faxineiras, arquitetos, operários de construções que encantam (veja).

Acervos físicos das bibliotecas, após a digitalização para adentrarem à modernidade, não são mais procurados.

Bibliotecas fervilhantes de pesquisadores e leitores estão hoje abandonadas, algumas sucateadas, sem manutenção, 'às traças' como diria meu vô...

Enquanto 750 milhões de pessoas no mundo não sabem ler nem escrever (veja), 'zilhões' de impressos tornam-se obsoletos. Esta é a civilização 4.0?

Com ela se esvai o prazer de folhear enredos, histórias, navegar sonhos, sair de caixinhas, destampar emoções?

A civilização robotizada - para a qual parecemos voar com sofreguidão - nos retira o direito à imaginação, limita nossa capacidade de enxergar o diverso, outros tempos, cenários, se sentir na pele do outro, experimentar a empatia, compreender contradições, exercitar a tolerância e também desenvolver a perspicácia, identificar e impedir abusos, fazer valer direitos.

Parecemos voar ou perecemos de não ler?

continua

<p>Bibliotecas são espaços culturais de compartilhamento livre e democrático do conhecimento. "Toda pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam." Este Direito Humano (<u>Declaração Universal dos Direitos Humanos</u>, art. 27), junto com as bibliotecas, caminha a passos robóticos para a extinção, como a tecla de aniquilamento dos Direitos Humanos. Da primeira biblioteca na Assíria (atual Iraque), que colecionava tabuletas de argila em escrita cuneiforme (veja), às bibliotecas virtuais, avançamos em tecnologia, diversidade e volume de objetos. Lembro de ter estudado (com certo enfado, não nego) a atuação do rei Assurbanipal [último rei da Assíria] descrito como guerreiro assírio sangrento. Ao contrário do governo brasileiro, o guerreiro Assurbanipal apreciava os estudos.</p>	<p>Enviou escribas para copiar e reunir livros em argila sobre os assuntos correntes arquivando-os na <u>Biblioteca de Nínive</u> (destruída em 612 a.C.). Guerreiro cruel ameaçava inimigos para conquistar materiais literários.</p> <p>Conta-se também que Alexandre, o Grande, maravilhado com a Biblioteca de Assurbanipal, inicia a construção da famosa Biblioteca de Alexandria (voltaremos a esta qualquer dia). Relembrar essa nesga de história aumentou minha indignação pelo obscurantismo de nossos dias que ameaça e mata pessoas, sem respirarem, a troco de trocados... Tristes, constatamos que, no Brasil de hoje, temos um governo genocida que investe em acervos de armamentos enquanto a cultura vai para o balaio de inutilidades segundo critérios de julgamento fascistas.</p> <p>A arte de amar palavras é arma contra o obscurantismo!</p> <p style="text-align: center;">■ ■ ■</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	